

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa
Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2020**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Entrelinha 1,5, sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

A prova inclui 2 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final (itens **I – 2.** e **III**). Dos restantes 7 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Pedro da Maia amava! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os respetos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos.

Numa tarde, estando no Marrare (1), vira parar defronte, à porta de Madame Levaillant, uma caleche azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embrulhada num xale de Caxemira.

O velho, baixote e reforçado, de barba muito grisalha talhada por baixo do queixo, uma face tisonada de antigo embarcadiço e o ar gôche (2), desceu todo encostado ao trintanário (3) como se um reumatismo o tolhesse, entrou arrastando a perna o portal da modista; e ela voltando devagar a cabeça olhou um momento o Marrare.

Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica: os olhos maravilhosos iluminavam-na toda; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnação de mármore: e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia – pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa pose de tédio – vendo o violento interesse de Pedro, o olhar aceso e perturbado com que seguia a caleche trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, murmurou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta:

– Queres que te diga o nome, meu Pedro? O nome, as origens, as datas e os feitos principais? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequioso Alencar, uma garrafa de champanhe?

Veio o champanhe. E o Alencar, depois de passar os dedos magros pelos anéis da cabeleira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um puxão aos punhos:

– Por uma doirada tarde de outono...

– André – gritou Pedro ao criado, martelando o mármore da mesa – retira o champanhe!

O Alencar bradou, imitando o ator Epifânio:

– O quê! Sem saciar a avidez do meu lábio?...

Pois bem, o champanhe ficaria: mas o amigo Alencar, esquecendo que era o poeta das «Vozes de Aurora», explicaria aquela gente da caleche azul numa linguagem cristã e prática!...

– Aí vai, meu Pedro, aí vai!

Havia dois anos, justamente quando Pedro perdera a mamã, aquele velho, o papá Monforte, uma manhã rompera subitamente pelas ruas e pela sociedade de Lisboa naquela mesma caleche com essa bela filha ao seu lado. Ninguém os conhecia. Tinham alugado a Arroios um

primeiro andar no palacete dos Vargas; e a rapariga principiou a aparecer em S. Carlos (4), fazendo uma impressão – uma impressão de causar aneurismas (5), dizia o Alencar! Quando ela atravessava o salão, os ombros vergavam-se no deslumbramento de auréola (6) que vinha daquela magnífica criatura, arrastando com um passo de deusa a sua cauda de corte, sempre decotada como em noites de gala, e, apesar de solteira, resplandecente de joias. O papá nunca lhe dava o braço: seguia atrás, entalado numa grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisonado e mais embarcado na claridade loira que saía da filha, encolhido e quase apavorado, trazendo nas mãos o óculo, o libreto, um saco de bombons, o leque e o seu próprio guarda-chuva. Mas era no camarote, quando a luz caía sobre o seu colo ebúrneo (7) e as suas tranças de oiro, que ela oferecia verdadeiramente a encarnação de um ideal da Renascença, um modelo de Ticiano (8)...

Eça de Queiroz, *Os Maias*.

NOTAS

- (1) *Marrare* – café localizado no Chiado, que, no século XIX, teve grande importância social, política e literária.
- (2) *gôche* – forma aportuguesada da palavra francesa «gauche»; desajeitado.
- (3) *trintanário* – criado que se sentava ao lado do cocheiro nas carruagens.
- (4) *S. Carlos* – teatro de ópera situado na zona do Chiado, fundado em 1793.
- (5) *aneurismas* – dilatações anormais, localizadas, de artérias.
- (6) *auréola* – círculo luminoso que rodeia a imagem de Cristo, da Virgem, dos anjos e dos santos.
- (7) *ebúrneo* – semelhante ao marfim na cor e na lisura.
- (8) *Ticiano* – pintor italiano da Renascença.

1. Refira dois dos efeitos que a visão da «senhora loura» provoca em Pedro da Maia, tendo em conta o primeiro parágrafo do excerto transcrito.

Item obrigatório

2. Releia o texto, a partir do quinto parágrafo.
Interprete o comportamento de Alencar, ao aperceber-se do «violento interesse de Pedro».
3. Explícite a impressão causada pelo «papá Monforte», com base no último parágrafo do texto.
4. Identifique dois dos elementos do texto que justificam a caracterização da personagem feminina como «alguma coisa de imortal e superior à Terra».

GRUPO II

Leia o Texto A. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao poema.

TEXTO A

Merina (1)

Rosto comprido, airoso, angelical, macia,
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva (2) que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

Sob os abafos bons que o Norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

Cesário Verde, *Obra Completa*.

NOTAS

(1) *Merina* – raça de carneiros que produz uma lã fina e de qualidade superior.

(2) *alva* – que tem cor branca.

1. Refira o valor expressivo da comparação presente no verso 3.

2. Caracterize o espaço em que se movimenta o sujeito poético.

Leia o Texto B.

TEXTO B

Rapariga descalça

Chove. Uma rapariga desce a rua.
Os seus pés descalços são formosos.
São formosos e leves: o corpo alto
parte dali, e nunca se desprende.

A chuva em abril tem o sabor do sol:
cada gota recente canta na folhagem.
O dia é um jogo inocente de luzes,
de crianças ou beijos, de fragatas.

Uma gaivota passa nos meus olhos.
E a rapariga – os seus formosos pés –
canta, corre, voa, é brisa, ao ver
o mar tão próximo e tão branco.

Eugénio de Andrade, *Poesia*.

3. Analise dois dos efeitos de sentido criados, na segunda estrofe do poema, pelas referências ao tempo.

4. Releia os dois textos.

Explicita de que modo a «ovelhinha» (Texto A, verso 8) e a «gaivota» (Texto B, verso 9) contribuem para a caracterização das respetivas figuras femininas.

Item obrigatório

GRUPO III

Com base na sua leitura de uma das peças de teatro a seguir indicadas, desenvolva a proposta de análise apresentada para essa obra.

- Gil Vicente
 - *Inês Pereira* – a evolução da personagem de Inês Pereira;
 - *Lusitânia* – o carácter alegórico da *peça dentro da peça*;
 - *Dom Duardos* – a importância da intriga amorosa no desenvolvimento da ação.

- António José da Silva
 - *Guerras do Alecrim e Manjerona* – a representação cômica da rivalidade.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da peça por si seleccionada.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2020/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 2 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Grupo I

Item 2. 25 pontos

Grupo III

Item único 50 pontos

SUBTOTAL 75 pontos

Dos restantes 7 itens, contribuem para a classificação final da prova os 5 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (5 x 25 pontos).

Grupo I

Itens 1., 3. e 4.

Grupo II

Itens 1., 2., 3. e 4.

SUBTOTAL 125 pontos

TOTAL 200 pontos